

RESENHA

SANTOS, M. **Economia Espacial**, Críticas e Alternativas. EDUSP: São Paulo, 1978.

A obra em tela é um marco dentro da vasta publicação de Milton Santos. Poderia ser enquadrada como o prelúdio de sua opção teórica e definitiva dentro da perspectiva da Geografia Crítica e das suas primeiras preocupações em desenvolver suas abordagens dentro da Geografia a partir do uso do método dialético e do materialismo histórico. Nesse livro, na qual é uma composição de artigos escritos entre os anos de 1973 e 1977, é a demonstração explícita da ruptura com a Nova Geografia e que se junta com outra publicação, também da época de Economia Espacial onde efetivamente consagra esse corte epistemológico: trata-se da obra Por uma Geografia Nova e que sela em definitivo sua verdadeira opção teórico-metodológica e que persistirá nessa direção analítica até sua morte em 2001.

Diferente da sua maior obra anterior, também de grande envergadura teórica – O Espaço Dividido – Milton Santos, nessa coletânea de textos desenvolve ferramentas teóricas, bem como de estudo de caso (através do estudo dos problemáticos contornos da teoria Centro-Periferia para uma realidade latino-americana concreta e contraditória, o de Lima, no Peru); visando desconstruir as teorias consagradas até então pela Geografia Neopositivista, onde mesclava abordagens econômicas com rebatimentos espaciais e que, por décadas dominaram os estudos da Geografia.

As conhecidas teorias de localização e de desenvolvimento regional e de ondas de inovação aparentemente tinham petrificado a Geografia através do esteio da racionalidade e da organização do espaço, matematizando os processos de produção e de distribuição dos fenômenos espaciais. A questão dos custos naturalmente seria uma das variáveis de mensuração, ao lado de análises regionais extraídas a partir de modelos e princípios (forma, extensão, atividade, conexão, etc.). Nisso, Milton Santos analisa pela raiz a natureza excessivamente causalista dessas teorias e da sua limitação enquanto leitura real das contradições operadas nas relações espaciais. O espaço seria produto da história e dos sujeitos históricos que produzem através do processo de trabalho e não como simples fluxos,



articulações, nódulos e formas de distribuição e localização dos fenômenos econômicos sobre o espaço.

Um exemplo são as limitadas proposições dos estudos sobre as cidades a partir da teoria das Localidades Centrais de Walter Christaller. A realidade das novas cidades com seus gigantescos tamanhos, as complexidades das relações em termos de distribuição de bens e serviços urbanos e o desprezo com as estruturas sociais, demonstram a fragilidade de sustentação dessa abordagem. Ou seja, excluir o modo capitalista de produção na abordagem do limiar e do alcance máximo é desvirtuar a própria realidade destas cidades. Em outras palavras, a cidade contemporânea seria produto do capital e não causada por um dinamismo linear onde a totalidade é ignorada. Nisso Milton Santos constrói magistralmente em seu tópico sobre a revisão da teoria dos lugares centrais.

A proposta desenvolvida pelo autor foi interessante e cumpriu seus objetivos de descortinar essas teorias que sustentaram a prática e o discurso do desenvolvimento regional até então em voga. Assim, o Estado seria o protagonista no desenvolvimento das políticas regionais, fortalecendo de sobremaneira o planejamento como instrumento técnico e socialmente neutro e essas teorias que foram abrigadas dentro do espectro da Nova Geografia, serviriam como lastro analítico das realidades sócio-espaciais, articulando fenômenos espaciais e econômicos.

Mais relevante dessa obra é a inaplicabilidade das abordagens apresentadas das teorias de localização às realidades históricas e economicamente tão contraditórias do espaço dos “países subdesenvolvidos”, onde praticamente seus processos econômico-espaciais não se coadunariam com os modelos e sistemas apresentados por esse conjunto de teorias. Excetuando-se, talvez, a teoria dos Pólos de Crescimento, de François Perroux, as demais tornariam dificultosas em estudar a dinâmica espacial de países asiáticos, africanos e particularmente dos países latino-americanos.

Pela coletânea de textos juntados nesse livro, que considero um clássico dentro da Geografia, é inexorável a intencionalidade de Milton Santos de realizar a crítica as teorias de localização, de desenvolvimento regional e das ondas de inovação, na medida em que não apresentam a capacidade de responder as contradições dos espaços econômicos dos países economicamente mais pobres.



239- COMENTÁRIOS

Agrega-se ao leitor que tenha interesse em ler e estudar o livro em análise que cada artigo apresentado tem como finalidade realizar a crítica a uma das teorias “racionalizadoras”, além de adentrar metodologicamente a proposta singular da necessidade de construir uma teoria espacial mais crítica, historicamente determinadora, a partir da ferramenta da dialética, em especial para entender a realidade dos países latino-americanos.

Sem dúvida nenhuma o livro é um marco edificante dentro do pensamento geográfico e desse formidável pensador da Geografia que deixou um legado filosófico e teórico incomparável.

José Eloízio da Costa
Prof. do Departamento de Geografia/UFS-Sergipe

